

# Ciência e fofoca: duas vocações\*

Francisco José Alves (\*\*)

O pensamento científico se caracteriza, dentre outras coisas, por um modo peculiar de circulação e apropriação. Neste sentido, a ciência se diferencia, de ponta a ponta, da fofoca. Se esta última circula, e propaga-se coberta pelo anonimato e a imprecisão das origens, a ciência, por sua vez, tem na indicação da autoria e na precisão, dois dos seus traços distintivos. Na ciência, quem, quando, como, e onde são de importância capital. Tudo isto se resume no procedimento de indicação precisa das fontes. A moeda do conhecimento científico circula, na cidade dos cientistas, tendo em sua face a efígie do autor. Um dos capítulos da metodologia do trabalho científico consiste, assim, na exposição das regras referentes à incorporação das palavras e das idéias alheias. Dado a natureza intertextual de tal discurso, a citação é uma questão básica. Qualquer iniciado nos procedimentos sabe disto.

Que a universidade é a casa da ciência, não há dúvida. Ela se constituiu, ao longo de séculos da história ocidental, como sendo o *locus* privilegiado do pensamento laico, racional. Mas, deixando estas considerações gerais e debruçando-se com a nossa realidade: como circula, pela UFS, o pensamento científico? Alguns dados da experiência cotidiana responderão a minha indagação.

A revolução da fotocópia foi incorporada ao dia-a-dia do ensino e da administração. Baseada no princípio da multiplicação instantânea de textos, ela veio representar um excelente recurso, facilitador do repasse de informações, sobretudo, devido à carência da nossa Biblioteca Central, há tempos esquecida.

Obviamente, a xerox é um óbice para o autor, o editor, o livreiro... mas deixemos, por ora, isto de lado. O fato é que a maioria esmagadora dos professores faz o uso da fotocópia. Grave é como o faz. Os textos são postos em cir-

culação sem a indicação da autoria, obra, cidade, editora e ano da publicação. Em suma, a elementar referência bibliográfica. É comum alunos falarem de um texto de não sei quem, tirado não sei de onde, publicado não sei quando. Pobre do autor! Além de lesado financeiramente, também vê-se surrupiado quanto as suas idéias, desconhecido, oculto. Tantas horas de trabalho. Tantos neurônios despendidos! Quem

*É comum alunos falarem de um texto de não sei quem, tirado não sei de onde, publicado não sei quando. Pobre do autor!*

produziu ciência sabe o quanto ela custa em termos de empenho pessoal. De tão corriqueiro o fato, já não se nota a gravidade: um crime contra o autor um crime contra a ciência. Direito autoral minha gente!

Mas não foi a xerox que inaugurou este mau procedimento. No meu tempo de aluno (que não vai muito distante), o comum era o uso das chamadas "apostilhas". Estas passavam de mão em mão, virando verdadeiras "sebentas". Também aí o autor era o grande ausente. As apostilhas eram, na verdade, capítulos ou partes de livros reproduzidos pelos mimeógrafos. Elas traziam indicação sim... da universidade, departamento, disciplina e professor. Silêncio sobre o autor. Para alunos, mais inocentes, o texto passava a ser de lavra do responsável pela disciplina.

Guardo em meu acervo pessoal algumas destas peças que comprovam o que estou dizendo. Se a xerox esconde o autor, a "apostilha" lhe atribuía um autor indevido.

Este descaso pela indicação das fontes manifesta-se ainda em outros procedimentos. Um exemplo são os "trabalhos" solicitados por muitos professores nas diversas disciplinas. Os textos consul-

tados para a feitura dos mesmos desaparecem do cenário como por obra do Espírito Santo. Para muitos inexistente a exigência da relação bibliográfica nestes trabalhos e o docente os corrige, atribui notas, como se nada de anormal estivesse acontecendo.

Comum é ainda a existência de professores que não distribuem o programa das disciplinas. Tudo nebuloso, baseado num desconhecido repertório do mestre que oculta a procedência dos seus dados. O discente fica sem saber onde este se baseou, como se aprofundar no assunto? *Magister dixit* e basta. Sobra para o aluno a insípida tarefa de decorar os ditos do mestre, vomitando nos testes as palavras assemelhadas por via auditiva.

Por incrível que pareça, muitos alunos saem da universidade "emprenhados pelo ouvido", sem contato mais íntimo com os livros.

Os fatos que elenquei indicam de forma inequívoca, sobre o tratamento dispensado em nossa instituição ao conhecimento científico: dispensa-se a ele o mesmo tratamento da fofoca. A ciência circula, muitas vezes, por aqui num emaranhado do nebuloso. A Ciência se degrada tomando a feição de um fuxico anônimo, posto em circulação de forma irresponsável, sem nenhuma precisão, sem nenhuma forma de controle intersubjetivo. Em lugar da "cidade da Ciência" temos a aldeia da fofoca, do enredo sem direção, sorrateiro. Graças a Deus, aqui e ali encontram-se alguns mestres talhados no rigor. Ilhas de competência.

Uma reflexão séria sobre os destinos da nossa universidade deve passar por uma análise, sem autocomplacência do cotidiano do nosso ensino. É fácil atribuir a um inimigo externo todos os males que nos afligem, é cômodo esconjurar suas causas para fora de nós.

(\*) *Jornal de Sergipe, Aracaju, 05/06 jul. 1992. Opinião, p.2*

(\*\*) *Professor do Departamento de História da UFS.*